

A REALIDADE É MAIS INSÓLITA!

Yuri Garcia¹

Jamer Guterres de Mello²

A palavra *Insólita* costuma significar algo raro, incomum, não habitual ou anormal. Do latim, a palavra vem da junção do prefixo *in* com a palavra *solitus* que indica o que é comum, habitual ou normal. Assim o *insolitus* seria o contrário, dialogando perfeitamente com as definições de sua versão em português apontadas acima. Nesse sentido, a palavra parece se aproximar do conceito freudiano de *Unheimlich*. O célebre ensaio do psicanalista e teórico Sigmund Freud possui a multiplicidade da tradução do termo como um grande desafio em nossa língua, sendo suas mais rotineiras versões indicadas como *O Estranho* (Freud, 1996) ou *O Inquietante* (Freud, 2010). Curiosamente, O Insólito ainda não foi utilizado como possível opção. No entanto, é perceptível que as ideias de Freud perpassam o encontro de uma certa sensação insólita, indicando a relação humana entre o familiar e o não familiar, o conhecido e o desconhecido, ou ainda entre o *solitus* e o *insolitus*. Talvez fosse possível tecer uma breve especulação aqui. Embora a origem da palavra *Insólita* remeta a essa similaridade com a concepção freudiana, sua utilização mais pragmática acabou abarcando apenas parte de sua ampla gama de possibilidades. Em nosso cotidiano – mesmo na área acadêmica – o aspecto mais sobrenatural, fantástico, místico, cósmico e tantas outras descrições mais relacionadas ao ficcional e/ou mitológico acabaram sendo as mais assimiladas.

A revista *Insólita* indica essa inclinação não como única compreensão do termo, mas como um direcionamento maior de seu foco e escopo em seu próprio subtítulo: *Revista Brasileira de Estudos Interdisciplinares do Insólito, da Fantasia e do Imaginário*. Tal estratégia editorial possui uma dupla função: demarcar seu escopo de forma mais direcionada e, ainda, possibilitar uma interessante margem de abertura propositiva.

¹ Yuri Garcia é professor credenciado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM-UERJ). Professor e coordenador na Unima (Centro Universitário de Maceió). Doutor e Mestre em Comunicação Social pela UERJ, com Pós-Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi (PPGCOM-UAM).

² Jamer Guterres de Mello é coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi (PPGCOM-UAM). Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM-UFRGS), com Pós-Doutorado pelo PPGCOM-UAM.

E é exatamente na exploração dessa margem que se encontra a proposta do dossiê publicado nesta edição. Buscamos aqui uma forma distinta de diálogo com o *Insólito*, remetendo ao seu caráter etimológico de incomum ou não habitual, mas, ainda assim, elencando também as questões da fantasia e do imaginário. Em um confuso cenário contemporâneo em que os acontecimentos políticos ganham uma dimensão crescentemente inacreditável, porém verídica, parece que a fantasia se torna ainda mais crível que nossa *vida real*. E nesse novo momento em que algumas ocorrências parecem cada vez mais rotineiras, trazemos a afirmação do título: a realidade é mais insólita!

Obviamente existem diversas formas de buscar uma compreensão de suas causas. Todavia, quanto maior a profundidade pela qual adentramos determinados assuntos, mais encontramos seus inúmeros paradoxos – tão essenciais para abordarmos a complexidade de determinados temas, como indica Edgar Morin (2005). Dessa forma, como compreender esse novo momento em que a ficção parece não acompanhar a *vida real*? E, em um cenário de pós-verdade, desinformação, *fake news* (ou qualquer outro termo que possa ser empregado), como estabelecer essa tênue linha entre o que é real e o que é ficcional dentro da mente dos mais dedicados seguidores de seus ídolos?

Os estudos sobre pós-verdade, desinformação e *fake news* estão cada vez mais presentes, inclusive em seus aportes teóricos e conceituais como nos trabalhos de Jayson Harsin (2015), Muniz Sodré (2019), Alexandre Franco de Sá (2019), Fabiano Couto Corrêa da Silva (2023), Ângela Teixeira de Moraes e Sandro Henrique Ribeiro (2023), entre outros. Em outra abordagem, Erick Felinto (2022, 2023a, 2023b) parece dedicar seus mais recentes esforços em buscar estruturas que iluminem algumas das mais curiosas crendices de extrema direita investigando esse imaginário conservador atual. Trabalhos como os de Astrid Mager (2012) e Inês Amaral e Sofia José Santos (2019) se direcionam à propagação midiática e à ideologia algorítmica desse fenômeno. Essa variação permite que este fascinante tópico seja tão amplamente discutido na constante sintonia com nosso cotidiano.

Assim, a proposta aqui é apresentar, justamente, um exame de nossa contemporaneidade a partir de tal ótica. Os artigos que apresentamos neste dossiê se encontram em diálogo com tais questões, demonstrando como o insólito é tema recorrente de nossas práticas atuais e de nosso contexto sociopolítico, permeando nosso imaginário de formas variadas.

Em *O papel das plataformas digitais na Indústria Cultural sob a perspectiva da Economia Política da Comunicação*, Thiago Henrique de Jesus-Silva aborda um tema essencial para o debate sobre a construção e manutenção de ideologias através das mídias. Apesar do tema não ser algo novo, o autor faz um importante trabalho ao atualizar algumas questões dentro de uma importante

revisão de literatura de algumas bases teóricas fundamentais. Seu foco incide em algumas plataformas contemporâneas como Facebook, Google, YouTube e TikTok, atualizando o conceito de Indústria Cultural pela perspectiva da Economia Política da Comunicação.

O artigo *Humor e conservadorismo: contiguidades e aproximações entre o fazer humorístico e a extrema direita* adentra um debate importante em nossa contemporaneidade, buscando compreender algumas estratégias discursivas da extrema direita para promover seu imaginário e ideologia. A autora Nara Lya Cabral Scabin se compromete com uma interessante investida na relação entre humor e conservadorismo no cenário brasileiro contemporâneo, elencando alguns casos e exemplos de forma bem estratégica para ilustrar seu raciocínio. O texto possui grande rigor teórico e metodológico e aborda um tema atual, tornando-se uma leitura essencial.

Dialogando com outra vertente do imaginário de extrema direita, Guilherme Sfredo Miorando analisa a curiosa e paradoxal utilização de super-heróis ultranacionalistas estadunidenses como figuras miméticas brasileiras em O insólito nacionalismo brasileiro em memes políticos de internet do bolsonarismo com Superman e Capitão América. O artigo apresenta uma investigação do imaginário propagado pelos dois personagens de histórias em quadrinhos e oferecem uma visão interessante sobre como os discursos hipermasculinizados e hipernacionalistas são articulados em plataformas digitais, contribuindo para discussões sobre política, cultura e mídia.

Fabio Camarneiro resgata o emblemático caso da fotografia de Gabriela Biló, publicada na *Folha de São Paulo*, para tensionar a relação entre subjetividade e objetividade no fotojornalismo contemporâneo no artigo *Vidros partidos, verdades estilhaçadas: Gabriela Biló e os limites do fotojornalismo na era dos memes*. O texto apresenta uma análise crítica sobre o impacto das transformações digitais na percepção e uso das imagens, traçando um panorama histórico que contextualiza o caso em meio a uma década de instabilidades políticas no Brasil.

Em *O inquietante e o obsceno no escândalo midiático da orgia de João Doria*, Fábio de Carvalho Penido investiga um ocorrido que marcou o cenário político e impactou as eleições do estado de São Paulo em 2018. Através desse objeto que alcançou grande repercussão à época, o artigo analisa alguns elementos do vídeo da suposta orgia e seu impacto nas redes sociais, viralizando através de seu conteúdo marcado por uma atração e repulsão do inquietante e obscuro.

Luiz Felipe Salviano e Erick Felinto apresentam um curioso texto sobre o mangá *Os Esmagados*, do artista japonês Junji Ito para abordar questões sobre as noções de alteridade em nosso imaginário em *O imaginário do medo do outro entre a realidade e a ficção: um estudo de caso sobre Os Esmagados, de Junji Ito*. Partindo de um objeto de pesquisa que dialoga com o foco da revista Insólita desde sua primeira edição, o artigo abraça o tema do dossiê ao construir uma

interessante ponte entre narrativas de horror e a construção de um imaginário sociopolítico sobre o outro como um inimigo ou uma ameaça. Essa ligação indica a relação intrínseca entre o ficcional e a realidade em nossa contemporaneidade, demonstrando como a produção de certas noções problemáticas sobre o diferente são intensificadas a partir de histórias de ficção.

No artigo *Bacurau (2019) e o insólito como crítica social aos absurdos do Brasil*, Amanda de Sousa Veloso e Lara Lima Satler adentram o termo que intitula a revista para propor uma análise do filme *Bacurau (2019)*. Através do personagem Tony Jr., apresentam um interessante paralelo entre o filme de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles com o contexto sociopolítico brasileiro em que percebemos uma estrita relação da ficção fabulatória da obra fílmica com questões essenciais no cenário contemporâneo. A alegoria do político criado pelos diretores/roteiristas, contudo, é o foco central do texto que demonstra sua vinculação essencial em bases de ordem populistas e a corrupção naturalizada no país.

Em *Da escuridão à luz: reflexões sobre a obsessão em I'll Be Gone in the Dark (2020)*, Bernardo Demaria Ignácio Brum e Seane Alves Melo abordam a interessante interseção entre jornalismo, documentários de *true crime* e narrativa pessoal. Ao investigar os deslocamentos do gênero *true crime* em direção à subjetividade e à "escrita de si", a pesquisa oferece importantes resultados sobre o impacto deste gênero, ao mesmo tempo que reforça conexões entre jornalismo investigativo e entretenimento. O objeto central, a série *I'll Be Gone in the Dark (2020)*, serve como ponto de partida para os debates propostos em que o tensionamento entre real e ficcional se tornam cada vez mais nebulosos e que as técnicas empregadas para narrar um fato ou criar uma história se tornam cada vez mais similares.

Os oito textos que compõem o dossiê buscam explorar uma nova vertente de possibilidades investigativas da Revista Insólita. Apesar de alguns artigos ainda direcionarem objetos que versam com a fantasia, o horror e o imaginário cultural ficcional, seu foco dirige-se justamente ao tensionamento dessas dimensões. O cenário contemporâneo parece possibilitar que tais temas sejam evocados com extrema potência. Em um terreno de nebulosidade entre ficção e realidade, quanto mais nos informamos, mais compreendemos que, de fato, a realidade é mais insólita!

Referências Bibliográficas

AMARAL, Inês; SANTOS, Sofia José. Algoritmos e redes sociais: a propagação de fake news na era da pós-verdade. In: FIGUEIRA, João; SANTOS, Sílvio (orgs.). **As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.

FELINTO, Erick. "Olavo tem razão": Olavo de Carvalho, esoterismo e os mitos conspiratórios do imaginário político neoconservador. In: MARTONI, Alex; ARRAES, Marcos; Oliveira, Victor. **Assombros da história: memória, técnica, política**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2022.

FELINTO, Erick. “Me parece verdadeiro pelo contexto”: Olavo de Carvalho, Conspiracionismo e a Desinformação como Programa político. **Revista Eco-Pós (On-line)**, v. 26, p. 12-30, 2023a.

FELINTO, Erick. “Nenhum Brasil Existe”: Atmosferas Conspiratórias e Cosmvisão Reacionária nos Documentários da Brasil Paralelo. **Significação-Revista de Cultura Audiovisual**, v. 50, p. 1-13, 2023b.

FRANCO DE SÁ, Alexandre. Pré-verdade, verdade e pós-verdade: um percurso rumo à política contemporânea. *In*: FIGUEIRA, João; SANTOS, Sílvio (orgs.). **As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.

FREUD, Sigmund. O Estranho. *In*: **História de uma neurose infantil**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. O Inquietante. *In*: **Obras Completas Volume 14: História de uma Neurose Infantil (“O Homem dos Lobos”), Além do Princípio do Prazer e outros textos (1917-1920)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HARSIN, Jayson. Regimes of posttruth, postpolitics, and attention economies. **Communication, Culture & Critique**, 2015.

MAGER, Astrid. Algorithmic ideology: how capitalist society shapes search engines. **Information, Communication & Society**, v.15, 2012.

MORAES, Ângela Teixeira de; RIBEIRO, Sandro Henrique. Os deslocamentos dos sentidos da pós-verdade: uma análise da apropriação do termo por jornalistas que comentam fake news. *In*: Anais do 32º Encontro Anual da Compós, 2023, São Paulo. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2023.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

SILVA, Fabiano Couto Corrêa da. A Sociedade da Desinformação. **Revista Logeion: Filosofia da Informação**, v.9, n.1, 2023.

SODRÉ, Muniz. O Facto Falso: Do factóide às fake news. *In*: FIGUEIRA, João; SANTOS, Sílvio (orgs.). **As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.